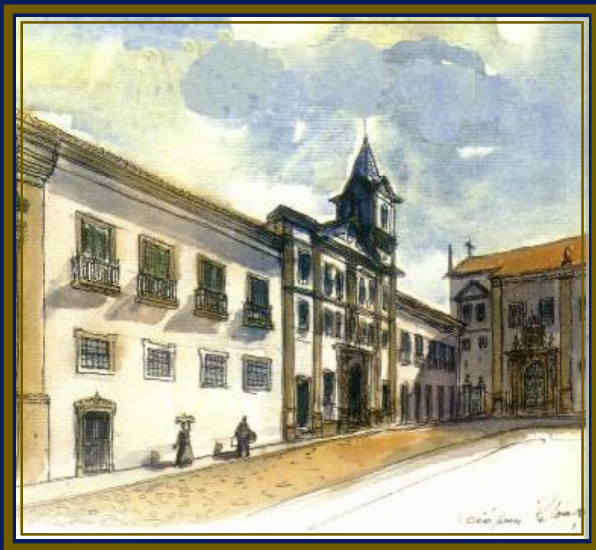


Cid Seixas

**A LITERATURA
NA BAHIA**

(Livro 1)

Tradição e modernidade



e-book.br

EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL

A LITERATURA NA BAHIA

Com o subtítulo *Impasses e confrontos de uma vertente regional*, esta coleção planejada pelo autor pretende reunir diversos textos escritos sobre o tema, ao longo das suas atividades jornalísticas e acadêmicas.

Inicialmente, o plano compreende as primeiras manifestações do modernismo na Bahia e seu desdobramento imediato propiciado pelos acontecimentos dos anos trinta do século passado.

Deste modo, os primeiros e-books da coleção, concomitantemente lançados são: *Tradição e modernidade; 1928: Modernismo e maturidade; e Três temas dos anos trinta*.

Outros e-books serão disponibilizados na net ainda ao longo deste ano, permitindo acesso a qualquer leitor a informações sobre a vida cultural baiana.

A LITERATURA NA BAHIA | 1

Tipologia: Garamond, corpo 12.

Formato: 12 x 18.

Número de páginas: 100.



Endereço deste e-book:

<https://issuu.com/ebook.br/docs/tradicaomodernidade>

<https://issuu.com/cidseixas/docs/tradicaomodernidade>

<http://www.e-book.uefs.br>

<http://www.linguagens.ufba.br>

Cid Seixas

A LITERATURA NA BAHIA

Tradição e modernidade
(Livro 1)

e-book.br

EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL

EDITORA UNIVERSITÁRIA DO LIVRO DIGITAL
Coleção Literatura na Bahia, vol. 1

CONSELHO EDITORIAL:
Adriano Eysen
Cid Seixas
Itana Nogueira Nunes
Flávia Aninger Rocha
Francisco Ferreira de Lima

A LITERATURA NA BAHIA
Impasses e confrontos de uma vertente regional

- 1 | Tradição e modernidade
- 2 | 1928: Modernismo e maturidade
- 3 | Três temas dos anos trinta
- 4 | Final do século XX
- 5 | No tabuleito da baiana (a sair)

2016

SUMÁRIO

GodofredoFilho, pioneiro do modernismo na Bahia	9
Um poeta modernista nas relações luso-brasileiras	43
Modernismo e tradicionalismo na Bahia	59
Quando a poesia era uma festa	77
A poesia do Decano	87
Livros do Autor	93



Os poetas Godofredo Filho, Eurico Alves e Carvalho Filho, na fazenda Fonte Nova, em São José das Itaporocas, Feira de Santana.



GODOFREDO FILHO, PIONEIRO DO MODERNISMO NA BAHIA

O texto deste artigo teve origem por ocasião das comemorações dos cinquenta anos de presença literária do poeta Godofredo Filho. Na edição do dia 23 de maio de 1975 da *Tribuna da Bahia* publicamos um artigo intitulado “Godofredo Filho, 50 anos de presença literária e do modernismo na Bahia”, ilustrado com fotografias do acervo do poeta.

Nascido na Feira de Santa, no dia 26 de abril de 1904, Godofredo morreu em Salvador, no dia 22 de agosto de 1992, aos 88 anos de idade. Tendo passado a residir na capital do Estado, onde fez sua carreira de intelectual, o poeta costumava retornar com frequência à sua fazenda na cidade natal.

A ligação telúrica de Godofredo Filho é testemunhada por Consuelo Pondé, ex-aluna do mestre na antiga Faculdade de Filosofia , Ciências e Letras:

“Mas, aqui e agora, estou a lembrar o feirense apaixonado por sua terra que, nos ARQUIVOS IMPLACÁVEIS, de João Condé, publicados em *O Cruzeiro*, muitos anos atrás, declarou categórico que haveria de sepultar-se em Feira de Santana, no Cemitério da Piedade.” (Pondé, 2013)

Nas constantes idas à Feira de Santana, Godofredo mantinha contato com outro escritor feirense da mesma geração, Eurico Alves (27 de junho de 1909 / 04 de julho de 1974), cujo papel de destaque no modernismo baiano se deu em revistas da década de 20 como *A Luvá* e, especialmente, *Arco e Flexa*, da qual foi um dos fundadores, segundo testemunho de Hélio Simões em depoimento a Ívia Alves (1978).

Segundo depoimento de Godofredo em nossas conversas para recolher dados, seu trisavô manteve na fazenda, na Feira de Santana, uma orquestra formada por escravos e forros, tipo de re-

quinte pouco conhecido no sertão baiano e sobre o qual não existem registros conhecidos. Bem verdade que Eurico Alves (1989), no estudo intitulado *Fidalgos e Vaqueiros*, sugere, já a partir do título, o espírito de requinte contrastante com a imagem que se tem do agreste feirense.

Em 2015, transcorreram, sem comemorações, os 90 anos da poesia moderna na Bahia. Em janeiro de 1925, Godofredo Filho publicou seus primeiros poemas de feição moderna na página literária do jornal *A Tarde*, acompanhados do artigo “Poesia Nova”, de Carlos Chiacchio.

Dois anos depois, no Rio de Janeiro, *O Jornal* (1927) também publicava uma entrevista com o poeta feirense, abrindo espaço na Capital do País para o lançamento de *Samba verde*, previsto para o ano seguinte.

Na Bahia, nos anos de 1974 e 1975, uma série de eventos, promovidos pelo poeta Carlos Cunha e por nós, marcaram os cinquenta anos do modernismo, com ênfase na figura de Godofredo Filho. Foram publicadas as plaquetes *Solilóquio* (contendo sete poemas da maturidade e a reprodução do manuscrito do soneto que dá título ao

volume) e *Sete cantares de amigo*, com poemas de Carlos Cunha, Carvalho Filho, Cid Seixas, Florisvaldo Matos, Humberto Fialho Guedes, Ildásio Tavares e Myriam Fraga, dedicados ao autor de *Solilóquio*. A contracapa dos *Sete cantares de amigo*, assinada pelo crítico modernista Alceu Amoroso Lima, destacava “a extraordinária originalidade da sua poesia”. (Lima, 1975)

UM DESBRAVADOR DE IDÉIAS

Enquanto, em São Paulo, a década de vinte marcava o rompimento brusco e panfletário da inteligência mais atuante com os postulados estéticos do século XIX, na Bahia, parnasianos caudais e simbolistas de vôo rasteiro fossilizavam o prestígio de um decadentismo cultural que podemos chamar de *belle époque* epigônica dos becos e botecos da antiga metrópole colonial.

Para melhor compreensão da vida literária baiana dessa época, convém não perder de vista o alvorecer do século, quando Afrânio Peixoto e Xavier Marques esboçaram um procedimento es-

tético que se tornou matriz para poetas, prosadores e publicistas do primeiro quartel do século XX, na velha Cidade do São Salvador e adjacências.

Lembre-se que a posição desses dois escritores nas letras nacionais já representava uma contemporização do romantismo, aliada às pálidas tintas de um naturalismo meteórico. Por isso, a *belle époque* baiana pouco acrescentou ao seu passado, limitando-se a um pastiche dos seus dois predecessores imediatos.

A rigor, após o romantismo, poucos conseguiram permanecer a cavaleiro nesse baile castroalvino de viúvas condoreiras, que era o grande sarau literário da chorosa Bahia de Cecéu. Entre estes, destacam-se uns poucos heróis: os “bravos rapazes” das revistas *Nova Cruzada* e *Os Annaes*, que desempenharam o papel de disseminadores do simbolismo, no primeiro decênio do século. Mas os nomes de Pethion de Villar, Pedro Kilkerry, Durval de Moraes e Arthur de Salles não poderiam transpor os limites do simbolismo visto da província e anunciar a instauração do pensamento moderno. Embora insólitos com relação ao gosto literário do fim do século XIX, as próprias

condições do ambiente cultural baiano criavam entraves para o grande salto que representaria uma nova revolução na sua formação estética.

Bem verdade que em outros estados nordestinos, poetas de inspiração parnasiana e simbolista evoluíram para o modernismo, conforme o significativo exemplo de Jorge de Lima – que começou como sonetista neoparnasiano, autor do antológico “Acendedor de Lampiões”, um dos *XIV Alexandrinos*, e chegou a ostentar o título de Príncipe dos Poetas das Alagoas, conforme registrou Alfredo Bosi (1974). Jorge de Lima conseguiu dar o salto e já com *O Mundo do Menino Impossível* adere ao modernismo, como ressalta Manuel Bandeira (1967). Como epígrafe dos *Novos Poemas* se lê: “E o menino impossível quebrou todos os brinquedos que os vovós lhe deram”.

Já entre os baianos, os brinquedos doados pelos avós eram guardados e transformados em utensílios poéticos pelos netos adultos, veneráveis anciões a brincar com pelourinhos de papel dourado. Até mesmo o fenômeno Kilkerry, “sistema de alarma premonitório” da arte poética moderna, teve sua voz abafada pelo som bombástico dos

atabaques retóricos. Marshall McLuhan (1974) tornou lugar comum a concepção de Ezra Pound, no seu *Abc da Literatura*, do artista como “antenas da raça” ou como antecipador de ocorrências e tendências sociais. Surpreendentes, mas em perfeito e tácito acordo com tais concepções, são alguns trechos do poeta Pedro Kilkerry no *Jornal Moderno*, em 1913, sob o pseudônimo de *Petrus*:

– “Olhos novos para o novo! Tudo é outro ou tende para outro!”

– “O metro é livre: vivamo-lo. O mais importante, porém, de tudo, dessa complexidade, de toda essa demência raciocinante é que as harmonias individuais, os caracteres não podem ser velhos como os senadores de Roma ou os sete sábios que cofiaram longas barbas na velha Grécia. Não se arrastam passos, braços não tremem; na existência do século não se titubeia.”

– “Ao tempo em que escrevo estas linhas, já aí está a urgência suarenta do tipógrafo a espí-la e ouço a trepidação ansiosa do maquinismo impressor, a que estou associando a ânsia dos leitores no nosso órgão, que é o do seu momento social, da hora que soa.” (Kilkerry , 1913)

Apesar da sonora proposta vanguardista— *Olhos novos para o novo!*— a província desconheceu ou não quis entender a contribuição de Kilkerry, cujo pensamento foi encontrar paralelo anos mais tarde, não mais na Bahia, mas em São Paulo, pelo intrépido *voyer* Oswald de Andrade— “Ver com olhos livres” (1972)—, conforme notou e anotou atento Augusto de Campos (1970).

Por uma desconfiada indiferença ao novo é que se costuma afirmar que o movimento modernista só chegou à velha Província da Bahia vinte ou trinta anos depois. Na verdade, há um injusto exagero, porque em 1925, ou seja, três anos após da Semana de 22, um jovem poeta baiano, então desconhecido, publicava seus primeiros trabalhos no suplemento literário do jornal *A Tarde*, causando estranheza e tumulto. Era Godofredo Filho, o mesmo iniciante que mereceu da Pongetti a edição do livro *Samba verde*, em 1928, ano em que o modernismo tupiniquim saltou da sua fase demolidora para um profundo encontro com a identidade do Brasil. Anos mais tarde, a revista *Ocidente*, de Lisboa, abria algumas vezes as suas páginas ao poeta baiano, como em 1971, através

do ensaio de Jerusa Pires Ferreira, que afirma com ênfase: “É ainda na alquimia que Godofredo Filho se mostra o grande preparador, o grande aliciador e codificador de mistérios, um dos mais injustiçados poetas brasileiros. É preciso conhecê-lo para avaliar a sua altitude transfiguradora, a sua grandeza de destruidor/construtor (princípio mecânico que rege a arte e a consciência de uma Modernidade).”

E diz mais:

“Em Godofredo Filho há uma depuração ou exaltação alquímica do macabro, a organização do desconcerto buscando um Caos salvador, uma liga de que se conhecem e arrumam os elementos e em que se manipulam vocábulos raros como se poderia manipular o simbolismo das cores operacionais. “Canto cruel” é o caminho cada vez mais intenso de um poeta que não chega a ser tragado pelo maldito, porque nos dá e retira, ele próprio, a possibilidade de entrever longínquos mundos, perdas perfeições distantes, de se salvar ou nos salvar por um *ciclone de cristal, no vale misterioso que a música suspende.*” (Ferreira, 1971)

Eugênio Gomes (apontado por muitos como o autor do primeiro livro modernista publicado na antiga metrópole colonial), ao discutir a presença da arte moderna na Bahia, afirma que “quem quiser captar as suas primeiras manifestações terá que começar pelo poeta Godofredo Filho. Este fino lírico atraiu para si a pior empreitada, atirando-se inicialmente sozinho à jaula dos leões da reação local, no começo da década de 1920, quando o eruditismo intolerante ainda predominava de maneira hostil”. (Gomes, 1954)

Vejamus então o acontecimento tomado como marco inicial da consciência modernista na Bahia: a estréia literária de GF, que se deu há noventa anos, quando, sob o título de *Poesia Nova*, o crítico Carlos Chiacchio publicava a seguinte nota:

“Godofredo Filho, vinte anos em flor, é o poeta que hoje o suplemento literário da *A Tarde* vai revelar ao mundo das letras. A sua obra, só conhecida dos íntimos, é já numerosa e rica em prova de talento, de tamanho prestígio lyrico, nas suas promessas calorosas, que se lhe pode classificar, no conceito justo de um dos nossos homens de letras, como *a maior expressão da poesia nova da Bahia*.”

E prossegue em texto que não vinha assinado, mas como figurava na seção mantida no jornal *A Tarde* pelo conceituado crítico, a autoria não oferece dúvida.

“É perfeitamente dispensável adiantar juízos críticos sobre as produções que a seguir publicamos, valendo apenas, por alegria de reconhecer valores legítimos na nossa fecunda terra tradicional da poesia e do talento, chamar a atenção dos leitores para este poeta moço, vibrante de rythimos sadios e idéias novas, tão empolgantes pela frescura matinal das tintas, como impressivas pela precocidade extraordinária dos seu estro.” (Chiacchio, 1925)

Além desta apresentação, inegavelmente honrosa para um jovem de apenas vinte e um anos (pois lhe abria as portas de uma roda fechadíssima, girando em torno dos nomes que reverenciavam a figura de Chiacchio), eram publicados cinco poemas de Godofredo: “Ironia”, “Melancolia do Arrabalde”, “Onde o silêncio dorme”, “Esta saudade do adolescente lyrico” e “Poça d’água”.

Logo depois viria a projeção do seu nome nos meios modernistas do sul do País, quando o poeta Manuel Bandeira reuniu um grupo de intelectuais numa das célebres noitadas da sua casa de Santa Tereza. Eugênia e Álvaro Moreyra, os então jovens Mário de Andrade, Jayme Ovalle, Prudente de Moraes Neto, Augusto Frederico Schmidt e Rodrigo M. F. de Andrade ouviram pela primeira vez os versos de Godofredo. Assim o seu nome passou a ter livre trânsito, tanto pelas entrevistas sobre arte moderna concedidas a *O Jornal* (1927) e a *O Globo* (1928) quanto pelo respeito que merecera dos iniciadores do modernismo brasileiro.

A atenção com que os modernistas do primeiro momento acompanharam Godofredo Filho pode ser testemunhada tanto pelas alusões críticas ao seu trabalho quanto por episódios particulares, registrados em correspondências, hoje transformadas em documentos valiosos para o estudo de um momento privilegiado da inteligência brasileira. Entre estes papéis está um bilhete, de 1927, escrito por Mário de Andrade a Couto de Barros, numa folha amarrotada:

“Eu gosto muito de Godofredo Filho e quero pedir para você fazer as honras da nossa terra pra ele. Escrevo nisso porque cadê cartão? Cartão está na mala grande lá no hotel e eu nesta Cabaça grande comendo uma peixada à moda da casa com vinho Granjó e quase desistindo de falar brasileiro diante destas tradições gostosas. Mostre coisas bem bonitas, heim! Arquiteturas, Tarsila, São Bento, Guilherme com Baby, você, prudencial e cômico etc.” (Andrade, 1927)

Veja-se o fac-símile do referido Bilhete de Mário de Andrade a Couto de Barros publicado em número especial do *Jornal de Cultura*, suplemento literário do *Diário de Notícias*, dedicado ao poeta, nas comemorações dos seus setenta anos. (Seixas, 1974)

Convém lembrar ainda o artigo de Manuel Bandeira que testemunha a luta de GF e torna incontestável a posição, que lhe é de direito, de iniciador do modernismo na Bahia:

“A apresentação vale a pena. Godofredo Filho é um admirável poeta. Tem 23 anos e nunca saiu da Bahia. Sensibilidade ardente e pronta, técnica

precisa, ao par dos últimos achados da vanguarda”. (Bandeira, 1927)

Enquanto, no Rio de Janeiro ou em São Paulo, Godofredo Filho assumia o papel de reverberador das ressonâncias modernistas ocorridas em terras baianas, aqui na Província, o movimento ia aos poucos se estabelecendo. Numa época em que os jovens – congregados em torno de Anísio Teixeira – passavam das letras às disputas filosóficas e às justas políticas, Godofredo Filho e Jerônimo Sodré fundavam a *Liga de Ação da Mocidade*. Era um “misto de sociedade literária e científica, de partido político e falange revolucionária, cuja organização impossível e estatutos chegamos a esboçar”. (Godofredo Filho, 1952)

Nestor Duarte, Jayme Junqueira Ayres, Felix Poncet, os dois Faria Gois, Hebert Fortes, Luís de Sena, Hermes Lima e Luís Viana Filho eram os nomes de prestígio jovem. Somente depois, como assegura GF em depoimento de 1952, é que surgiria o grupo *Arco e Flexa*, com “aqueles irrequietos rapazes, que hoje são os queridos e sereníssimos Rafael Barbosa, Hélio Simões, Pinto de

Aguiar, Eurico Alves, sem falar nos que por aí vão esquecidos”.(Godofredo Filho, 1952)

Desse modo, Carvalho Filho, Eugênio Gomes, Hélio Simões e Afrânio Coutinho foram expressões das mais significativas, no âmbito da criação ou da reflexão crítica, de uma consciência de modernidade que se esboçava, mas cujos primeiros embates têm como cavaleiro a figura de Godofredo Filho.

O próprio Eugênio Gomes afirmou que o autor de *Solilóquio* é “o legítimo precursor do modernismo na Bahia e um dos melhores poetas brasileiros de sua geração”. Esclarece ainda que “a rigor, não pertenceu ao grupo de Chiacchio; tinha-se antecipado de alguns anos em escandalizar as tranquilas consciências literárias de nossa terra, com experiências surrealistas que, se fizeram rir a muitos, deixaram outros apreensivos, pois, também havia certa ordem nessa loucura” (Gomes, 1954)

Assentada a importância do papel desempenhado por GF na renovação das nossas letras, restamos um problema estritamente ligado a esta discutida e discutível renovação. Sabemos que em

1928 a Pongetti imprimiu *Samba Verde*, com poemas nitidamente modernistas de Godofredo Filho (1928), como o onomatopaico *Fiau*, espriando-se confortavelmente pela folha em branco:

“– Zum!

– Fiau!

A vaia do vento,
pela boca entreaberta da janela,
esguincha,
pincha
e raiva, fria,
uma ironia
bravia
que assovia...

– Fiau!

Bulindo, tinindo, rindo
dessa tranquilidade ingênuas
os interiores,
em brusca troça, brava, boa,
rechina
estoura,
espouca
a vaia

que azagaia,
do vento
agora bronco, meio broco,
enrouquecido,
apalermado
o vento...
– Fiau!”

Nesse mesmo ano de 1928, antes do esperado lançamento de *Samba verde*, Godofredo recolheu a edição do seu livro, argumentando que este não mais representava a deriva, ou o caminho, da sua pesquisa estética. Teriam os tambores antigos atingido os ouvidos cosmopolitas do modernista baiano, abatendo o pássaro em vôo pleno? Ou o jovem poeta percebeu no calor da hora a silenciosa guinada modernista que traçou uma divisória entre 1922 e 1928?

A tradição fala forte na primeira capital da colônia, onde a vanguarda é *tradiccionista*. Em 1928, o mesmo ano da des/publicação de *Samba verde*, quando os jovens Pinto de Aguiar, Hélio Simões, Eurico Alves e Carvalho Filho lançaram a revista *Arco & flexa*, o movimento renovador baiano já

vinha atenuado pela designação da sua proposta de um *tradicionalismo dinâmico*.

Daí as controvérsias e a afirmação que o modernismo não chegou a subir as ladeiras da velha Bahia. Muito se aventou que nem Godofredo Filho nem os poetas que vieram a seguir, como Carvalho Filho, Hélio Simões e outros chegaram a se definir pelo modernismo, uma vez que atenuaram as primeiras posições de vanguarda. Mas Eugênio Gomes, que integrou essa geração, luta pela inclusão da Cidade da Bahia na geografia modernista dos primeiros combates; e afirma que “é uma exclusão incompreensível, sabendo-se que a terra de Gregório de Matos – tão bravo em suas rebeldias! – não esteve, de modo algum, alheia e este movimento, embora fosse, por sua condição de cidade tradicionalmente acadêmica, o mais obstinado reducto contra a revolução estética”. (Gomes, 1954)

A propósito, o poeta Manuel Bandeira, com sua visão crítica aliada às antenas do artista, um ano antes da anunciada publicação de *Samba Verde*, mostrou a ambivalência da condição poética de Godofredo Filho e a sua ânsia de domar antíteses. Estas contradições aparentes, Alceu Amo-

roso Lima percebeu depois, ao estudar a *ataraxia* do poeta, que é uma máscara de violentos conflitos entre a ânsia carnal e a angústia metafísica. Usando esta expressão, que na perspectiva dos estóicos remete a um estado de alma marcado pelo equilíbrio na escolha dos prazeres sensíveis e espirituais, o crítico modernista proclama:

“Nenhum poeta brasileiro soube, como você, *imobilizar* o tempo e a paixão, sem retirar, nem a um, nem a outra, a sua infinita *mobilidade*. É isso, creio eu, que faz a extraordinária originalidade de sua poesia, tão aparentemente sofisticada e fria, e no fundo tão dramaticamente sensual, culinária, falérnica, numa coincidência de contrastes que é a marca do seu vinho das videiras do seu sítio íntimo, do seu jardim fechado, e no entanto aberto a todos os furacões do mundo e da carne”. (Lima, 1975)

Mas deixemos para outro momento a discussão do embate entre ‘deuses’ conflitantes na alma do poeta e insistamos, mais um pouco, no plano formal, onde Godofredo Filho faz refletir a mesma dialética de embates. É por isso que, ao saudar

com entusiasmo a vinculação do poeta baiano aos “últimos achados da vanguarda”, Manuel Bandeira sublinhou o seu respeito pela tradição:

“E, o que é inestimável, a ausência de preconceitos modernistas. Sem dúvida que detesta passadistas, mas não é um dos tais que desejariam botar a baixo a Sé Velha para abrir avenidas amplas e arejadas. É namorado de todas as casas velhas da Bahia, que ele conhece palmo a palmo. Sabe a hora propícia em se olhar tal fachada, tal pórtico, tal saguão, tal janela. E confia-nos ao ouvido, como se revelasse intimidades de amigo, os detalhes históricos daquelas pedras veneráveis.

– “Aqui, nesta Capela, Vieira pregou o famoso sermão contra as armas holandesas...”

“E o perfume que lhe vem da terra natal não é cheiro de velharia, mas odor virente de mocidade que exalta: *No silêncio da tarde americana... / (Ó cheiro bom de mulher moça!) / Perfume da minha terra!*

“A poesia de Godofredo Filho é tão bem educada como a de Ronald ou de Guilherme. Porém, debaixo daquela sobriedade elegante de citadino há assombrações desatinadas de jagunço, há dendês chiando no fogaréu vermelho e rumores inquietantes de arapuás danados...” (Bandeira, 1927)

De acordo com o testemunho da época, Godofredo Filho perdeu, ao deliberadamente rejeitar o livro *Samba Verde*, a oportunidade de se fazer um dos modernistas brasileiros mais atuantes, publicado, discutido e pioneiro, enquanto a Bahia se retirava furtivamente dos primeiros momentos de *produção / recepção* da arte moderna no Brasil. Mas, ao mesmo tempo, pode-se argumentar que a atitude de GF contrapunha uma vantagem sobre os moços da *Klaxon*, pois já via além dos embates iniciais do modernismo, sem os preconceitos aludidos por Bandeira e sem a *carnavalada* (título de um dos poemas de *Samba Verde*) destruidora, contra a qual o próprio Mário de Andrade, somente duas décadas mais tarde, se levantou, admitindo os gestos vazios de 22.

Ao criticar *A estética do modernismo*, publicada na Paraíba por Ascendino Leite, o autor de *Paulicéia desvairada* fala da “mesma felicidade abundante e satisfeita de si, com que os modernistas de há vinte anos atrás afirmavam que Alberto de Oliveira era um trouxa e Camões uma besta. Depois, verificou-se de novo que nem Camões era besta nem Alberto Oliveira um trouxa, e as afirmações gro-

tescamente ofensivas e sem nenhum valor crítico ficaram apenas como cacoetes de alguns retardatários.” (Andrade, 1972)

Mário de Andrade distinguia perfeitamente a fase inicial, demolidora, de 22, da fase de realização plena, após a derrubada das barreiras à criação. Esse mesmo artigo de 7 de janeiro de 1940, intitulado singularmente de “Modernismo” é finalizado com uma lúcida afirmação, típica do autor:

“O Modernismo foi um toque de alarme. Todos acordaram e viram perfeitamente a aurora no ar. A aurora continha em si todas as promessas do dia, só que ainda não era o dia. Mas é uma satisfação ver que o dia está cumprindo com grandeza e maior fecundidade, as promessas da aurora. Ficar nas eternas aurorices da infância, não é saúde, é doença. E a literatura brasileira aí está, bastante sã. Adulta já? Quase adulta...” (Andrade, 1972)

Se não tivemos na Província da Bahia as célebres batalhas travadas nas praças, teatros e salões de São Paulo, o papel da inteligência local não foi o da indiferença absoluta, porque alguns dos seus homens de letras tentaram amadurecer os frutos

novos. E, neste sentido, também os poemas de Carvalho Filho, Hélio Simões e Eurico Alves aliam modernidade e maturidade, inscrevendo seus autores num lugar privilegiado.

É claro que, com a morosidade dos meios de comunicação da época, a Bahia, estando geograficamente distante de São Paulo, só poderia receber intempestivamente o entusiasmo diante das novas idéias. Esta é uma das razões pelas quais a terra de Castro Alves não aderiu francamente ao bloco destruidor do modernismo; aliada a tantas outras que tornaram a reação similar à dos outros estados.

Carlos Drummond de Andrade (1992), saído das Minas Gerais para o epicentro dos acontecimentos, homenageou o poeta baiano com os quartetos seguintes:

“Enlaçam-se por um segundo
que é milagre da poesia
o verso de Godofredo
e o fascínio da Bahia.

Com o fervor de quem ama,
essa pauta melodiosa

sobre Ouro Preto derrama
o róseo encanto da rosa.

Assim, ó poeta, iluminas
por tua quente poesia
graças maduras de Minas
e a volúpia da Bahia.”

Para Agripino Grieco (1934),

“Godofredo é um místico que ainda não achou a sua mística. Saudoso, compõe umas arietas sentimentais, tramas aéreas de versos quase incorpóreos, que recita com voz sufocada, de quem está sendo estrangulado pelo garroteador da tela de Goya. Na virtuosidade do abstrato, Godofredo converte tudo em visão arcaica. É um alucinado dos séculos esse pobre menino perdido num mundo sem alma, num mundo de bichos de ferro. Doido pelo acarajé e também pelas vendedoras de acarajé, sabe toda a Bahia de cor, trecho a trecho, bequinho a bequinho. Conhece a cor do tempo, a cor dos olhos de todas as criaturas. Romântico cantor de Ouro Preto e da sua Feira de linhas retas, adormecida de planura, como a bela do conto de Perrault”.

Grieco volta assim à questão do embate entre forças conflitantes na poesia e no espírito do poeta Godofredo Filho. O mesmo conflito percebido por outros críticos da sua obra: o requinte do pensamento racional, por um lado, e, por outro, a sensualidade apimentada de “dendês chiando no fogaréu vermelho e rumores inquietantes de arapuás danados”.

Como já afirmou Eugênio Gomes, não se deve ignorar a presença do modernismo na Bahia. O que não ocorreu foi um movimento agressivo e pleno (como o *Sturm und Drang* dos românticos alemães), mas não se podem negar as adesões às novas conquistas estéticas nem a importância da contribuição pioneira de um poeta atento aos novos rumos da arte e capaz de assumir, no calor da hora, a reflexão em torno de um movimento que ainda se processava.

Mas um recuo fatal para a recepção da sua poesia, e para a literatura baiana, excluiu Godofredo Filho do *pantheon* dos poetas nacionais: privar o público do conhecimento do seu trabalho, uma vez que a livre circulação de *Samba Verde* representaria a continuidade do estabelecimento do seu

nome, que começava a se fazer com as entrevistas sobre arte moderna e as primeiras leituras dos seus versos. A ausência do poeta dos meios literários do Sul e as pequenas edições (de cinquenta e até mesmo quinze exemplares) que avaramente impunha à sua obra, impediram a Bahia de ter hoje, no âmbito nacional, um poeta de reconhecida qualidade.

O depoimento do poeta e editor Augusto Frederico Schmidt, publicado nas páginas do *Galo Branco*, anos depois da desventura modernista do poeta baiano, servem para avaliar a posição do jovem autor de *Samba verde*, na fase efervescente da arte moderna:

“Mestre Godofredo Filho move-se com lentidão e dignidade. Vozes o saúdam de janelas antigas (...). Lembro quando chegou o Mestre ao Rio em mil novecentos e vinte muitos, pageado por Mário de Andrade. Moço em flor, mas já macio, civilizado, correto. Agora é um madurão como eu mas continua o mesmo homem fiel às preocupações de sempre, aos temas baianos bem amados. Acontece apenas que Godofredo Filho já se misturou para sempre à atmosfera, ao espírito, aos azei-

tes baianos. É um baiano que, à força de o ser, universalizou-se. Tão baiano que é um grande da cultura, de toda parte.” (Schmidt, 1957)

Numa louvação epistolar, Alceu Amoroso Lima completa o retrato do poeta falando do “prazer autenticamente requintado que a leitura dos seus sonetos, dignos de Horácio e Gôngora, me proporcionou”, acrescentando:

“Como o nosso Albano, dos tempos simbolistas, Você se manteve fiel à sua mais pura inspiração clássica, *não neoclássica*, nos campos do modernismo. Como um Guilherme de Almeida, ou como um Abgar Renault ou um Odylo Costa Filho, Você pertence à grey (ponho um *ípsilon* de propósito) que paira acima das controvérsias. É que escreve uma língua tão pura e tão alta que nos transporta para lá do tempo e do lugar.” (Lima, 1971)

Se Godofredo Filho se recusou o papel de Paulo de Tarso do modernismo na Bahia, não conseguiu, no entanto, com o pudor do seu recolhimento, ou com ambivalência trazida pela força da tradição, fugir à condição de um pioneiro. Ou, mais

ainda, de um Poeta pleno e fulgurante. De um “poeta federal”, no dizer de Drummond. E é a isso que louvamos com entusiasmo, na esperança de demover o alquimista do silêncio, para que um dia, que não está longe, o público leitor possa ter uma amostragem da trajetória poética de GF. Uma edição retrospectiva que publique desde os poemas de *Samba Verde* até a sua recôndita e veladamente citada *Balada da dor de corno* –

“Na praia da Conceição
afoguei meu coração.
Vinha o Nordeste montado
num potro de crinas d’água”

– despindo, por inteiro, este poeta que se debate entre dois metais ardentes: o pecado e a virtude, a sensualidade da carne e a fé do espírito, o momento mais que imperfeito do homem e a promessa de uma “cidade solar do Apocalipse”, para usarmos a expressão cunhada por D. Timóteo Amoroso Anastácio (1972).

REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA

1. ALVES, Ívia. *Arvo & Flexa. Contribuição para o estudo do modernismo*. Salvador, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1978.
2. ANASTÁCIO, D. Timóteo Amoroso. Apresentação do álbum *Breve Romancero do Natal*, Salvador, Beneditina, 1972.
3. ANDRADE, Carlos Drummond de. A Godofredo Filho. In: SEIXAS, Cid. *Godofredo Filho, irmão poesia*. Cidade da Bahia, Oficina do Livro, 1992, contracapa 4.
4. ANDRADE, Mário de. Bilhete de apresentação de Godofredo Filho a Couto de Barros. *Jornal de cultura*, n 12 (Suplemento do *Diário de Notícias*). Número especial dedicado a Godofredo Filho. Org. Cid Seixas. Salvador, 5 mai. 1974.
5. ANDRADE, Mário de. Modernismo. *O empalhador de passarinho*. São Paulo, Martins; Brasília, INL/MEC, 1972, p. 185 e 185.
6. ANDRADE, Oswald de. Manifesto da Poesia Pau Brasil. *Obras Completas*, vol. VI, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1972.
7. BOAVENTURA, Eurico Alves. *Fidalgos e vaqueiros*. Salvador, UFBA / Centro Editorial e Didático, 1989.
8. BOAVENTURA, Eurico Alves. Poesia. Org. e notas de Maria Eugênia Boaventura. Salvador, Fundação das Artes / EGBA, 1990.
9. BOSI, Alfredo Bosi. *História concisa da literatura brasileira*, 2ª ed., São Paulo, Cultrix, 1974.

10. BANDEIRA, Manuel Bandeira. *Apresentação da poesia brasileira*, Rio de Janeiro, Ed. Ouro, 1967.
11. BANDEIRA, Manuel Bandeira. Godofredo Filho O *Jornal*, Rio de Janeiro, 1927.
12. CAMPOS, Augusto de. *Re-visão de Kilkerry*, São Paulo, Fundo Estadual de Cultura, 1970.
13. CHIACCHIO, Carlos. Poesia Nova. *A Tarde*, Salvador, 10 jan. 1925.
14. DÓREA, Juraci. *Eurico Alves, poeta baiano*. Feira de Santana: Casa do Sertão/ Lions Clube de Feira de Santana, 1978.
15. CUNHA, Carlos; SEIXAS, Cid. *Sete cantares de amigo ao Poeta Godofredo Filho*. Salvador, Edições Arpoador, 1975.
16. FERREIRA, Jerusa Pires. *A alquimia generativa do bruxo Godofredo Filho*, Separata da Revista *Ocidente* vol. LXXXI, Lisboa, 1971.
17. GODOFREDO FILHO. O artista poderá servir-se da causa, mas, esta, jamais, do artista. *Diário de Notícias*, Salvador, 2 nov. 1952. Entrevista concedida a Cláudio Tavares.
18. GODOFREDO FILHO. *Irmã poesia*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Salvador, Secretaria de Estado da Educação e Cultura da Bahia, 1986.
19. GODOFREDO FILHO. Poemas e textos inéditos. *Jornal de Cultura*, nº 12. (Suplemento do *Diário de Notícias*). Número especial dedicado a Godofredo Filho. Org. Cid Seixas. Salvador, 5 mai. 1974, p. 5, nº 12.
20. GODOFREDO FILHO. Poema da Feira de Sant'Ana. Ilustrações de Carybé. Coleção Ilha de Maré. Salvador, 1977. Folhas soltas em pasta ou carpeta de cartolina.

21. GODOFREDO FILHO. *Samba Verde*, Rio de Janeiro, Pongetti, 1928.
22. GODOFREDO FILHO. *Solilóquio*, Org. Carlos Cunha e Cid Seixas, Salvador, Edições Arpoador, 1975.
23. GOMES, Eugênio. Cinquentenário de um poeta. *Letras e Artes*, Rio de Janeiro, Empresa *A Noite*, 6 abr. 1954.
24. GRIECO, Agripino. Godofredo Filho. *O Jornal*. Rio, 18 nov. 1934.
25. KILKERRY, Pedro. Quotidianas. *Jornal Moderno*, Bahia, 4 mar. 1913, p. 3.
26. LIMA, Alceu Amoroso. Carta a Godofredo Filho. Rio de Janeiro, 18 set. 1971. *Jornal de Cultura*, Salvador, 5 mai. 1974, p. 2.
27. LIMA, Alceu Amoroso. Carta a Godofredo Filho. *Sete Cantares de Amigo*. Cidade da Bahia, Edições Arpoador, Fundação Cultural do Estado, 1975. (Coleção Jogral)
28. MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*, 4ª ed., São Paulo, Cultrix, 1974.
29. O JORNAL. Rio de Janeiro, 29 mai. 1927.
30. O GLOBO. Rio de Janeiro, 20 ago. 1928.
31. PONDÉ, Consuelo. Godofredo Filho, uma doce e perene lembrança. Salvador, *Tribuna da Bahia*, 2013. <<http://www.tribunadabahia.com.br/2013/01/16/godofredo-filho-uma-doce-perene-lembranca>>
32. POUND, Ezra. *Abc da literatura*, São Paulo, Cultrix, 1970.
33. SCHMIDT, Augusto Frederico. Crítica. *Revista da semana*, nº 14. Rio de Janeiro, 1957.
34. SEIXAS, Cid. Godô, o Velho Bruxo. *Godofredo Filho, irmão poesia*. Cidade da Bahia, Oficina do Livro, 1992.

35. SEIXAS, Cid. Iararana, um documento dos anos 30. In: Cyro de Mattos; Aleilton Fonseca. (Org.). *O triunfo de Sosígenes Costa*. Ilhéus: Editus, 2005, v. 1, p. 143-156.
36. SEIXAS, Cid. Modernismo e diversidade: impasses e confrontos de uma vertente regional. *Léguas & Meia*, Feira de Santana, v. 3, n.2, p. 52-61, 2004.
37. SEIXAS, Cid. Modernismo e tradicionalismo na Bahia. *Jornada*, v. 2, n 2, 2010. <<http://jornadaonline.blogspot.com.br/2010/01/modernismo-e-tradicionismo-na-bahia.html>>
38. SEIXAS, Cid. *Três temas dos anos trinta. Textos de crítica literária*. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2003.
39. SEIXAS, Cid. *Triste Bahia / Ob quão dessemelhante! Notas sobre a literatura na Bahia*. Salvador, Secretaria da Cultura, coleção As Letras da Bahia, 1996.

O poema “Godô, o Velho Bruxo”, incluído na página a seguir, figura na plaquete *Sete Cantares de Amigo ao Poeta Godofredo Filba*. Salvador, Edições Arpoador, 1975.



GODÔ, O VELHO BRUXO

Cid Seixas

No campo dos pentagramas
sete fonemas sonoros
proclamam em consonância
a convocação da palavra.

Sobre a clareza da folha,
cada som tem um sentido;
aqui o verso tem vida
na pauta do seu dizer.

É a transmutação dos metais
em verbo cortante e preciso
que o Velho Bruxo enleva
no condão da sua pena.

As vinhas estão florindo
por entre os dedos do mágico
que retira do chapéu
os prazeres do sentido.



Acima, Eurico Alves e Hélio Simões. Abaixo, Manuel Bandeira, que nos versos finais de “Escusa”, publicado no livro *Meus poemas preferidos*, declina do convite de Eurico desculpando-se: “Não sou mais digno de respirar o ar puro dos currais da roça.”





UM POETA MODERNISTA NAS RELAÇÕES LUSO-BRASILEIRAS

Hélio Simões, além de ter exercido um papel de destacado protagonismo nas relações culturais luso-brasileiras na Bahia, participou do núcleo criador da revista *Arco & Flexa* (sic), uma das publicações baianas responsáveis pela introdução da arte moderna no Brasil. O fato de estados com a Bahia e Pernambuco, de relevante passado colonial, terem desempenhado importantes papéis na construção da identidade brasileira, acentuou o processo de defesa das tradições nacionais contra a importação de modelos estrangeiros. Tal resistência ainda é considerada como uma forma de impermeabilidade à estética da modernidade. A

paradoxal conexão do modernismo com o *tradicionalismo dinâmico* que caracterizou a estética de *Arvo & Flexa* foi um modo inteligente de Carlos Chiacchio tentar abrandar a reação dos conservadores aos escritores postos sob sua orientação.

Antes de desenvolver o tema, agradeço à organização do XXII Congresso de Literatura Portuguesa o convite para integrar esta mesa plenária sobre a Memória do Ensino e da Pesquisa da Literatura Portuguesa no Brasil. Para minha surpresa e honrosa alegria, aqui estão presentes, como expositores, dois grandes mestres da atualidade que dão forma e relevo à memória mais viva dos estudos literários em nosso país: os professores Cleonice Berardinelli e Massaud Moisés.

Peço licença a ambos para iniciar a apresentação do assunto que me foi proposto e que pode ser resumido no título “Hélio Simões: do poeta modernista ao fomentador das relações luso-brasileiras”. Os dois mestres aqui presentes conheceram muito de perto o homenageado neste texto. Os três viveram tanto os momentos de fundação dos estudos portugueses em nosso país quanto o desdobramento da Semana de Arte Moderna.

Permitam-me então repetir, professora Cleonice, professor Massaud, coisas que ambos conhecem há muito tempo e bem melhor do que eu.

Para o mundo literário, Hélio Simões desponta nos últimos anos da década de vinte, quando na Cidade do Salvador se travava o embate entre, de um lado, a iconoclastia modernista da Semana de 22 e, do outro lado, a articulação das propostas de modernidade com as tradições histórico-antropológicas de uma cidade economicamente empobrecida mas ainda depositária de rica memória cultural. Ao lado de Pinto de Aguiar, Carvalho Filho e Eurico Alves, Hélio Simões foi um dos fundadores da revista que serviu de marco ao modernismo na Bahia, *Arco & Flecha* (flecha escrita com x, o que a tornava mais pitoresca e próxima dos primores de Pindorama).

Sobre a sua atuação na revista fundadora do Modernismo na Bahia, em entrevista concedida há mais de trinta anos ao poeta e pintor Juraci Dórea (posteriormente publicada no livro *Eurico Alves: poeta baiano*), o escritor Hélio Simões traduz com modéstia e limitação o papel destes jovens pioneiros. São suas palavras:

“O grupo *Arco & Flexa* não era estruturalmente homogêneo. Ligava-o a juventude e um certo afã renovador que a liderança de Chiacchio procurou dar unidade na tendência explícita de um “tradicionalismo dinâmico” que constituiu o nosso manifesto. Creio que o nosso grande papel, na esteira do que vinha fazendo Eugênio Gomes e sobretudo Godofredo Filho, foi procurar integrar a Bahia na agitação cultural, particularmente literária, que já se manifestara em outros quadrantes do país.” (DÓREA, 1978, p. 87)

Ora, o papel principal do grupo integrado por Hélio Simões não foi apenas este, foi também o de inaugurar uma modernidade literária menos comprometida com a vanguarda demolidora e mais comprometida com os resultados de um processo cultural longamente destilado. A nova e vertiginosamente rica cidade de São Paulo buscava, no afã industrial e na velocidade das máquinas, o mecanismo de corte com um passado depauperado. Estados Brasileiros detentores de antigo e rico acervo intelectual, como a Bahia e Pernambuco, por exemplo, não podiam abrir mão de bens preciosos e acumulados a custa de grandezas e misé-

rias em troca de quinquilharias importadas. É por isso que Gilberto Freire e o grupo do Recife também tiveram um lugar diferenciado no quadro do Modernismo Brasileiro.

Convém registrar que tanto o grupo de *Arco & Flexa* quanto outros grupos baianos surgidos nos anos vinte não tiveram uma postura modernista similar à do grupo paulista. O modernismo não conheceu, entre nós, uma fase demolidora; ao contrário, chegou a se opor radicalmente a algumas ações histriônicas desencadeadas pela Semana de Arte Moderna de 22. Os integrantes da Academia dos Rebeldes, do qual participaram o etnólogo Edison Carneiro e o romancista Jorge Amado, para citar apenas dois nomes nucleares na moderna construção de uma identidade mestiça, não perseguiram os mesmos traços de modernidade que caracterizaram o modernismo da semana de 22.

Hélio Simões, autor do livro *O Mar e Outros Poemas*, não reduziu sua atuação pública à revista *Arco & Flexa* e ao *Jornal da Ala*. Considerem-se também o seu trabalho como diretor da revista *A Renascença*, ao lado de Afonso Rui; a sua seção

“Crônica de arte”, no *Diário da Bahia*, em 1929; a coluna “Idéias e Fatos” na *Era Nova*; mais tarde, a seção “Poetas e Sonetos” no jornal *Imparcial*; além da coluna livros escrita entre os anos sessenta e setenta, no jornal *A Tarde*.

A vida acadêmica do poeta ganha definição em 1932, quando aos 22 anos, é diplomado pela Faculdade de Medicina da Bahia, a mesma escola de um outro seu colega e companheiro de geração, que também trocou a medicina pela literatura, Afrânio Coutinho.

Médico formado, o Dr. Hélio, como era chamado por nós, submeteu-se ao concurso de Livre Docente e assumiu as funções de Assistente Efetivo e Chefe de Clínica.

Em 1942 foi criada a Faculdade de Filosofia da Bahia. Não existiam ainda os cursos de Letras, de Ciências Humanas ou de Filosofia; e a Faculdade de Medicina era o grande centro catalisador do humanismo. Ali não se aprendia apenas a curar os males do corpo. No convívio diário com professores e colegas se aprendia sobretudo a bem formar o espírito. Vem do século XIX a tradição que a Bahia formava escritores-médicos e o Recife

formava escritores-juristas. E essa ‘tradição afortunada’, permitam-me desvirtuar o sentido da terminologia crítica de Afrânio Coutinho, continua pelas primeiras décadas do século XX.

Com a criação da Universidade da Bahia, no dia 2 de julho de 1946, o poeta Hélio Simões, que ocupava interinamente a cátedra de Neurologia, abandona o exercício da clínica na área da saúde mental e transfere-se para a Faculdade de Filosofia recém incorporada à Universidade. A esta altura, como homem de sensibilidade artística e estudioso das ciências da cultura, era também professor da Escola de Belas Artes. O novo percurso do jovem médico estava definido.

Assumindo a cadeira de Literatura Portuguesa, Hélio Simões procurou completar sua nova formação acadêmica em viagens de estudos a Portugal, à França e a outros países. Entre os portugueses, relacionou-se ou, em alguns casos, privou da amizade de intelectuais como Teixeira de Pascoaes, Hernani Cidade, Aquilino Ribeiro, Vitorino Nemésio e quase uma centena de outros escritores.

Foi através desses contatos que ele propiciou a vinda para a Universidade da Bahia de Adolfo

Casais Monteiro e de Eduardo Lourenço, o primeiro para o curso de Letras, o segundo para o de Filosofia. Com humildade, Hélio Simões justificava a sua constante busca de intelectuais portugueses para atuarem na Bahia por uma motivação pessoal, ou como uma forma de aprender com os seus convidados. Assim é que propiciou a Hernani Cidade trabalhar com a defesa do Padre Antonio Vieira perante a ‘Santa’ e demoníaca Inquisição; e possibilitou a intelectuais da Geração de Presença a divulgação no Brasil do ainda pouco conhecido Fernando Pessoa. Nessa esteira de intercâmbio, Vitorino Nemésio aqui publicou o livro *Conhecimento de Poesia*. Eduardo Lourenço, então professor de filosofia da Universidade, iniciou a frutífera ponte ligando sua investigação à literatura.

O papel singular desempenhado por Hélio Simões tanto foi reconhecido pelos portugueses, na forma da amizade e da admiração, quanto nas distinções concedidas. Oficial da Ordem Militar de Cristo e, posteriormente, Grande Oficial da Ordem do Infante D. Henrique. Ainda em terras lusitanas, tornou-se membro da Academia de Ciências de Lisboa, do Instituto de Coimbra, do Insti-

tuto de Geografia de Lisboa e da Academia Internacional de Cultura Portuguesa.

No nosso país, a Academia Brasileira de Letras concedeu-lhe a Medalha Machado de Assis, mais alta homenagem dessa confraria, por indicação do escritor Jorge Amado, seu antigo rival nos movimentos literários baianos dos fins da década de 20. Uma sólida relação uniu Jorge Amado a Hélio Simões: inicialmente, a cordial rivalidade entre os grupos modernos a que pertenceram e depois, o estreitamento do contato, quando o neurologista Hélio Simões cuidou de Matilde, a primeira esposa do romancista. No livro *Bahia de todos os santos*, Amado registra com ternura e com admiração:

“Hélio Simões é o poeta ilustre, o médico, o professor, o fomentador de estudos literários, o homem da universidade, do intercâmbio cultural luso-brasileiro, com tantos e tamanhos serviços prestados à Bahia, ao Brasil e à cultura.”

E prossegue Jorge Amado, na caracterização desse mestre que, sem deixar de ser um atento intérprete da cultura local, foi também um admira-

dor e um difusor da civilização portuguesa. Voltemos às palavras do romancista:

“Mas eu sei quanto lhe agradará esse título no rápido e certamente incompleto perfil que aqui tento traçar de um homem feito de delicadeza, de interesse humano, de amizade, um poeta não só nos versos com que assinalou original presença na poesia brasileira, mas também na maneira de ser, de viver; na maneira de dar-se aos interesses vitais da comunidade e da cultura; um trabalhador intelectual aparentemente limitado aos gabinetes de estudo, mas, de fato, ligado à vida popular, à rua. Eu o vi no enterro da Mãe Senhora — ao lado de outro baiano tão autêntico, Thales de Azevedo — e percebi que a mão mística da ialorixá estava posta sobre a cabeça do poeta.” (AMADO, 1977)

Sou testemunha do apreço de Jorge Amado a Hélio Simões. Nos anos 80, o romancista deu-me a incumbência de preparar uma edição da poesia de Hélio Simões, para a qual tomou todas as providências junto a sua editora, a Record, e ao Instituto Nacional do Livro. Passados alguns meses, sem que o trabalho tenha ficado pronto, o escri-

tor Herberto Sales, presidente do Instituto, solicitou o encaminhamento do livro que nunca foi organizado, por modéstia ou desambição do próprio autor. Quando insistíamos com doutor Hélio para que ele franqueasse as cópias dos novos textos que seriam reunidos ao livro dos anos 20, *O mar e outros poemas*, ele – invariavelmente – prometia para um dia qualquer, desde que mais adiante.

Entre os novos poemas de Hélio Simões, recordo de um que se destaca pela sintaxe, pela economia verbal, pelo acento de uma linguagem erudita e moderna, conquistada com o passar dos anos e a chegada da maturidade. Há aí uma ressonância de diálogo com formas parnasianas que Fernando Pessoa teria buscado em Olavo Bilac. Em 1960, com a inauguração da nova capital do País, o poeta encontra motivo para um confronto desigual e harmônico entre a secular cidade de Guimarães e a nossa Brasília:

“Séculos caminharam sobre a pedra.

O muro enegreceu.

Branca a cidade medra

entre o cerrado e o céu.

Guimarães é a pia batismal
e o castelo roqueiro.
Aqui nasceu Afonso, o príncipe, Primeiro
e ao desígnio de Deus que tudo impele
nasceu com ele
Portugal.

Séculos caminharam sobre a pedra.
O muro enegreceu...

Brasília é o crisma. Novo
anseio de fé ardendo no planalto,
confirmação de um povo
do seu destino alto.

Branca a cidade medra
entre o cerrado e o céu.”
(SIMÕES, 1989)

Assim era o antigo professor de neurologia que se fez um dos pioneiros dos estudos portugueses no Brasil. Mais de uma vez ele redarguia que os seus textos, quer fossem de criação ou de análise, não tinham especial importância.

Ainda recorro de uma conferência lida por ele, no Gabinete Português de Leitura, coisa rara, uma vez que suas intervenções eram quase sempre orais e sustentadas no mais brilhante improviso. Suponho que essa conferência foi escrita, porque se tratava de um diálogo com as tendências ou os métodos da época. Em pleno desvario estruturalista, Hélio Simões valeu-se de Roland Barthes e de alguns outros autores postos em frenética evidência, para fazer uma leitura mais próxima da tradição interpretativa francesa, sem excluir as propostas mais inovadoras do novo método estrutural. Este empenho conciliador foi uma característica que Hélio Simões trouxe dos seus tempos de juventude e que marcou a sua participação no movimento modernista baiano, como veremos através das suas palavras ao longo deste artigo.

Dias depois da conferência, escrita numa linguagem fulgurante e fundada em uma leitura de impressionante atualidade, pedimos o texto para publicação e ele simplesmente respondeu: “Vocês levam estas coisas muito a sério.” E o texto nunca foi publicado.

Voltando à formação acadêmica de Hélio Simões e à sua posterior opção pela literatura Portuguesa, surge então uma pergunta: com que credenciais o então médico, professor livre docente e catedrático interino de clínica neurológica assumiu a primeira cátedra de Literatura Portuguesa da Universidade da Bahia e uma das primeiras do Brasil?

Com as credenciais de poeta modernista da geração *Arco & Flexa*, brilhante geração reunida em torno da revista do mesmo nome. E com as credenciais adquiridas em muitas outras publicações surgidas a partir daí, com as quais colaborou. As credenciais da sensibilidade e do mistério da poesia.

REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Eurico. *Poesia*. Seleção, organização e notas de Maria Eugênia Boaventura.
- ALVES, Ivia. *Arco & Flexa. Contribuição para o estudo do modernismo*. Salvador, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1978.
- AMADO, Jorge. *Bahia de todos os santos. Guia de ruas e mistérios*. Rio de Janeiro, Record, 1977.

- AMADO, Jorge: *Navegação de cabotagem; apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei*. Rio de Janeiro, Record, 1992.
- ARCO & FLEXA. Edição fac-similar. Revista literária, 1928/1929, Salvador, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1978. (nº 1, 66 p.; nº 2/3, 70 p.; nº 4/5, 90 p.)
- BANDEIRA, Manuel: *Meus poemas preferidos*. Rio de Janeiro, Ediouro, 2005, p. 85.
- CHIACCHIO, Carlos: Poesia Nova. *A Tarde*, Salvador, 10 jan. 1925. A nota não vinha assinada, mas como figurava na seção mantida nesse jornal pelo conceituado crítico, a autoria não oferece dúvida.
- CHIACCHIO, Carlos: O nosso primeiro livro modernista. *A Lusa*, 5 out. 1928, n. 82.
- CHIACCHIO, Carlos: Tradicionismo dinâmico. *Arco & Flexa. Mensário de cultura moderna*, n. 1, Salvador, nov. 1928.
- CHIACCHIO, Carlos: Modernistas e ultra-modernistas. [II] Gabriel Alomar, o criador do verdadeiro futurismo. *A Tarde*, Salvador, 14 fev. 1928.
- DÓREA, Juraci: Diálogo entre Eurico Alves e Manuel Bandeira. In *Léguas & meia. Revista de literatura e diversidade cultural*. Feira de Santana, UEFS, 2009.
- DÓREA, Juraci, *Eurico Alves, poeta baiano*. Feira de Santana: Casa do Sertão/ Lions Clube de Feira de Santana, 1978.
- DIMAS, Antonio: Um manifesto guloso. In *Léguas & meia. Revista de literatura e diversidade cultural*. Feira de Santana, UEFS, 2004.
- FERREIRA, Monalisa Valente: Os dedos de Eurico Alves vestem *A Lusa* (A revista, o modernismo baiano e o

- poeta dissonante). In BOAVENTURA, Eurico Alves: *Cipós verdes*. Feira de Santana, UEFS, 2009, p. 171-195.
- SARAIVA, Arnaldo. *O modernismo brasileiro e o modernismo português: subsídios para o seu estudo e para a história das suas relações*. 3 vols. Porto, s/ed., 1986.
- SEIXAS, Cid. Godofredo Filho: 50 anos de presença literária e do modernismo na Bahia. Salvador, *Tribuna da Bahia*, 23 mai. 1975, p. 11.
- SEIXAS, Cid: *Triste Bahia, ob! Quão dessemelhante. Notas sobre a literatura na Bahia*. Salvador, EGBA / Secretaria da Cultura e Turismo, 1996. (Coleção As Letras da Bahia)
- SEIXAS, Cid: Sosígenes Costa: Epopéia cabocla do modernismo na Bahia. In PÓLVORA, Hélio (org.): *A Sosígenes, com afeto*. Salvador, Edições Cidade da Bahia, 2001, p. 75-84.
- SIMÕES, Hélio. Duas cidades. *Quinto Império: Revista de cultura e literaturas de língua portuguesa*. Salvador, nº 2, primeiro semestre de 1989, contracapa 4.
- VILLALONGA, Gabriel Alomar. Futurismo. In OLEA, Héctor. *O futurismo catalão antes do futurismo*. São Paulo, Edusp / Giordano, 1993.



MODERNISMO E “TRADICIONISMO” NA BAHIA

Em 1928, dois grupos ou duas revistas de tendências modernas e dessemelhantes escandalizaram o conservadorismo baiano de formação parnasiano-simbolista e retardatária ressurreição romântica. Eram: o grupo de *Arco & Flexa*, inicialmente formado por Hélio Simões, Pinto de Aguiar, Carvalho Filho e Eurico Alves, sob a liderança do também médico e crítico literário Carlos Chiacchio; e, do outro lado, a Academia dos Rebeldes, integrada por Jorge Amado, Édison Carneiro, Alves Ribeiro, João Cordeiro, Dias da Costa, Clóvis Amorim, Sosígenes Costa, Ayetano do

Couto Ferraz, Walter da Silveira e outros. Estes escritores tiveram como trincheira a revista *Samba*, sob a liderança de Pinheiro Viegas, mentor tanto da revista quanto da chamada Academia.

Observe-se que os dois grupos que se propunham a construir a modernidade literária foram buscar orientação em dois velhos intelectuais, de formação finissecular já consolidada, o que pode ser visto como uma consequência da natureza esteticamente prudente dos componentes de ambos. Todos eram jovens, modernos, e... bastante cautelosos. E assim a Bahia se inscreveu, de forma ambígua e, talvez por isso mesmo, pouco estudada, no panorama modernista brasileiro. Para a historiografia literária, a topada que o modernismo levou pesou mais do que os aspectos peculiares da modernidade resultantes dos conflitos e contradições locais e regionais. Isso conferiu uma natureza mais complexa e mais consequente aos seus escritores, resultando em qualidade, não obstante a perda de ímpeto renovador.

Justificando a importância dos seus pares para a moderna literatura brasileira, Jorge Amado proclama:

“Faço o balanço dos livros publicados pelos Rebeldes, por cada um de nós. A *Obra Poética* e *Iararana*, de Sosígenes Costa: sua poesia, nossa glória e nosso orgulho; a obra monumental de Édison Carneiro, pioneiro dos estudos sobre o negro e o folclore, etnólogo eminente, crítico literário, o grande Édison; os *Sonetos do Malquerer* e os *Sonetos do Bemquerer*, de Alves Ribeiro, jovem guru que traçou nossos caminhos; os dois livros de contos de Dias da Costa, *Canção do Beco*, *Mirante dos Aflitos*; os dois romances de Clóvis Amorim, *O Alambique* e *Massapé*; o romance de João Cordeiro devia chamar-se *Boca suja*, o editor Calvino Filho mudou-lhe o título para *Corja*; as coletâneas de poemas de Aydano do Couto Ferraz; a de sonetos de Da Costa Andrade; os volumes de Walter da Silveira sobre cinema – some-se com meus livros, tire-se os nove fora, o saldo, creio, é positivo.” (AMADO, 1992, p. 85)

Ora, na território da poesia, tanto a obra simbolista de Sosígenes Costa, marcada pelos exuberantes sonetos pavônicos, quanto os sonetos de Alves Ribeiro e de Da Costa Andrade são computados por Amado como saldo credor desse grupo moderno.

Convém lembrar, então, um velho político da nossa terra, o governador Otávio Mangabeira, que costumava dizer: “Pense em um absurdo.” E logo completava: “Na Bahia já aconteceu.”

Deixando a blague de lado, sem perder o achaque do riso; assim, também, foi o nosso modernismo. Intimamente conectado às conquistas estéticas finisseculares, sem delas desdenhar, mas construindo a modernidade a partir de um processo de soma, e nunca de exclusão.

Mas não apenas a Bahia foi cenário de manifestações ambivalentes. Em Pernambuco, desde o início dos anos vinte, com os olhares voltados para o modernismo e outras expressões de vanguarda, se anunciava um livro do paraibano José Américo de Almeida, soprado pelos ventos da inovação. Ancorado em uma temática e em muitos aspectos já explorados por Franklin Távora em *O Cabeleira*, de 1876, e por outros autores do chamado ciclo do cangaço, o romance *A Bagaceira* iniciava, em 1928, o segundo momento do modernismo e, ao mesmo tempo, antecipava o Regionalismo do Nordeste. Jorge de Lima, que iniciou seus estudos na Faculdade de Medicina da Bahia, não abdicou

de todo da sua formação simbolista exemplarmente manifestada na condição de ‘Príncipe dos Poetas das Alagoas’, título conferido pela crítica da província. Mesmo sua obra maior, *Invenção de Orfeu*, escrita na maturidade, é constituída por sonetos intercalados a outras formas igualmente clássicas.

A propósito da Academia dos Rebeldes, Hélio Simões, em entrevista à pesquisadora Ívia Alves, afirmou com propriedade: “Ao mesmo tempo em que se publicava *Arco & Flexa*, saía também a revista *Samba*. Pode ser considerada uma revista reacionária do ponto de vista literário, ainda publicando sonetos. No entanto, o grupo tinha uma linha política.” (ALVES, 1978, p. 23)

Diferentes entre si, como se vê nas palavras de um dos seus formadores, os dois grupos modernistas baianos tinham um ponto em comum: a discordância com o modernismo paulista. Ambos os grupos baianos estavam mais próximos do que se fazia em Pernambuco, em sincronia silente com o trabalho de Gilberto Freyre. Sobre o Congresso Regionalista do Recife, Hélio Simões afirmou que, apesar de ter conhecimento das suas propostas, não leu o manifesto de Freyre. Como não poderia

ter lido, porque hoje sabemos que o *Manifesto Regionalista* não foi redigido, na forma por fim conhecida, durante a organização do *Livro do Nordeste*, em 1925; mas somente quando da sua publicação, nos anos 50. O texto publicado retoma idéias presentes nas intervenções performáticas de Gilberto Freyre, motivadas pelo citado Congresso Regionalista. (Cf. DIMAS, 2004)

Os poetas de *Arco & Flexa* tinham contato com o grupo do Recife que editava a revista *Cidade*. E ainda com os grupos de *Festa*, no Rio de Janeiro, e de *Verde*, em Cataguases. Outras afinidades eletivas foram: Jorge de Lima (com Hélio Simões, também médico), que, já formado no Rio e tendo retornado a Maceió, freqüentemente viajava à Bahia a serviço do Lloyd; e, no Ceará, o grupo baiano mantinha contato com a jovem Rachel de Queiroz. Jorge de Lima era leitor dos textos críticos de Chiacchio, conforme pode ser visto na sua correspondência com Eurico Alves.

Enquanto o modernismo da Semana de 22 colocava o país em sintonia com a modernidade européia, o Nordeste passava por uma busca de libertação dos modelos europeus, em favor de uma

identidade telúrica. Como o conceito de regional se confundia com o pensamento político conservador, alguns intelectuais tentavam contornar esta inconveniência, sustentando sua proposta de modernidade com a de pertencimento ou de identidade. Gilberto Freyre, na contramão do ideário nazista que dominaria a Europa, deslocava o foco da questão racial para a cultural. Convém lembrar que essa busca de identidade, distante da eugenia racial e sustentada em culturas plurais era uma tendência dos anos 20 em outros países da América Latina. A vertente moderna a partir do regional só ganhou dimensões nacionais com o regionalismo de 30, nascido no contexto modernista de Pernambuco, da Bahia, do Ceará e de outros estados do Nordeste. O mesmo Jorge Amado, que rejeitava as propostas de importação européia e as extravagantes estripulias da Semana de 22, chegou a uma forma de modernidade, capaz de traduzir o seu contexto cultural, com o romance regionalista de 30.

A idéia de modernidade artística comprometida com as novas invenções industriais, o fervilhar e a velocidade feérica das grandes cidades, era uma

idéia que seduzia o espírito industrial paulista, mas não era uma constante no pensamento baiano e do nordeste. Poetas modernos, balizados pela força da terra, viram alguns ícones dos novos tempos – que lhes pareceram papagaiadas propagandísticas – como forma de empobrecimento cultural; ou como aniquilamento de uma visão do paraíso.

Eurico Alves, do grupo *Arco & Flexa*, na “Elegia a Manuel Bandeira”, convida o poeta pernambucano a ir a Feira de Santana, onde:

“Os bois escavam o chão para sentir o aroma da terra.” (ALVES, 1990, p. 84)

Bandeira responde com outro poema, dizendo:

“Não sou mais digno de respirar o ar puro dos currais da roça.” (BANDEIRA, 2005, p. 85)

Nos anos 30, “um episódio chamou a atenção para o nome de Eurico Alves: o famoso diálogo poético com Manuel Bandeira”, conforme observa Juraci Dórea. “Sem o seu conhecimento, Carvalho Filho datilografou os versos e enviou para

Bandeira, que respondeu com outro poema. «Eu estava operado no hospital, quando apareceram Carvalho e Godofredo Filho com a Escusa», registrou Eurico Alves, em carta para sua filha Maria Eugenia Boaventura, datada de 1º de janeiro de 1969.” (DÓREA, 2009, p. 129)

Estudando a produção de Eurico Alves na revista quinzenal *ALua*, publicada em Salvador, de 1925 a 1932, Monalisa Ferreira toca na questão da convivência harmoniosa entre conservadores e vanguardistas nas páginas enlucadas:

“Percebemos um contraponto: de um lado, traços de escritas com mudanças apenas aparentes, como *Moema*, de Eugênio Gomes, que, embora fosse considerada pelas críticas baiana e carioca como a primeira obra modernista publicada no Estado da Bahia, não apresentava inovações; de outro lado, textos de criação com uma estética visivelmente inventiva, como os poemas e contos de Eurico Alves.” (FERREIRA, 2009, p. 172-173)

Mesmo não endossando a visão da estudiosa, quando privilegia a escrita de Eurico Alves, de

modo viesado em favor do escritor por ela estudado, não se pode deixar de considerar a diversidade de tendências apontada no seu bem fundamentado artigo.

Mas o que parece um abismo entre o modernismo da Bahia e o de São Paulo pode se restringir ao impacto causado pelas idéias da Semana de 22. Como o progresso de São Paulo trouxe, primeiro, a inquietação, lá o modernismo logo conheceu o deslumbramento pelas novidades vindas de fora; depois trocadas pelo mergulho dos seus escritores nas raízes nacionais, especialmente a partir de 1928. Pode-se dizer que no início dos anos 30 não há mais oposição entre as perspectivas do sul e do norte. Mário de Andrade escreve *Macunaíma*, Raul Bopp trabalha o seu *Cobra Norato*.

Voltando à Bahia, o crítico Eugênio Gomes, praticante de poemas de amor surgidos na revista *Arco & Flexa*, e considerado como autor do primeiro livro modernista editado em Salvador, (CHIACCHIO, 1928) transfere esta primazia a Godofredo Filho. Com efeito, em 1925, Carlos Chiacchio escreveu na sua coluna “Homens e

Obras” um comentário saudando a aparição dos poemas modernos de Godofredo Filho (CHIACCHIO, 1925); e em 1928, mesmo ano da publicação na Bahia do livro *Moema*, de Eugênio Gomes, Godofredo Filho anunciava no Rio de Janeiro, pela editora Pongetti, o volume *Samba Verde*. (SEIXAS, 1975, p. 11)

Embora saudado e recebido calorosamente, tanto em São Paulo quanto no Rio, por Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Jayme Ovalle, Augusto Frederico Schmidt, Álvaro Moreyra e outros, Godofredo Filho, inexplicavelmente, recolheu o seu livro.

Na Bahia, o modernismo era caracterizado pelo grupo *Arco & Flexa* como “tradicionalismo dinâmico”, movimento que se propunha a inovar a partir do respeito à tradição. Sobre esta expressão que vai aparecer e dar título ao artigo que serve de manifesto à revista, assinado por Carlos Chiacchio, Hélio Simões esclarece:

“Na Bahia, nós tínhamos fundamentos que não podíamos abandonar de todo. Daí o ‘Tradicionalismo Dinâmico’, porque nós queríamos ir para adiante,

mas sem renegar o passado. E não era fazendo tábula rasa como a revista *Antropofagia*, de Oswald de Andrade, porque, na verdade, nesse primeiro momento é Oswald que tem maior realce, Mário de Andrade apareceu posteriormente.

E prossegue Hélio Simões:

“Eles queriam fazer tábula rasa de tudo. Então inventamos esta expressão de “tradiccionismo dinâmico” que era tradição, sim, porque respeitávamos as tradições baianas, mas não ficávamos presos a elas, queríamos sob a base dessa tradição construir o futuro, uma coisa nova, porque também tínhamos a nossa idéia nacionalista.” (Apud ALVES, 1978, p. 119-120)

Como se verá, adiante, o termo “tradiccionismo dinâmico” não foi inventado pelo o grupo, mas tomado de empréstimo ao poeta catalão Gabriel Alomar.

Nesse artigo de abertura da revista *Arco & Flexa*, Chiacchio esclarece, em tom de manifesto, que toda cultura se vale da tradição para encontrar

novos caminhos, se vale do regional para chegar ao universal – “sem perder o contato com a terra”. (CHIACCHIO, 1928, p. 4) Ao afirmar que a cultura universalista refina a sensibilidade local, ele rejeita o apego ao que chama de tradições estáticas, propondo: “Tradições dinâmicas, as tendências modernistas, as únicas dignas de fé.” (Ibidem, p. 6)

“Quanto ao livro de poemas *Moema*, de Eugênio Gomes, considerado ainda atado aos modelos tradicionais, Hélio Simões sublinha o fato de ter sido Eugênio quem “conseguiu dar a forma ideal do ‘tradicionalismo dinâmico’. Foi seu livro que impulsionou o grupo para a produção e publicação de uma revista dentro das idéias de um ‘tradicionalismo dinâmico’.” (Apud ALVES, 1978, p. 123)

Na verdade, o pensamento desses jovens conciliadores encontrava eco nas propostas de Carlos Chiacchio, influenciadas pelo poeta e ensaísta catalão Gabriel Alomar Villalonga (1873-1941). Em palestra proferida em 1904, com título “Futurismo”, Alomar dizia que as sociedades registram dois elementos ou duas manifestações capitais “na

aparência, de conciliação impossível e paradoxal. Eis estes dois mundos, que com a sua convivência tecem eternamente a História: um deles, com o olhar para trás, alimenta-se da tradição”. (VILLALONGA, 1993, p. 13)

Este elo entre tradição e ruptura não passaria despercebido a Chiacchio que na série de artigos intitulados “Modernistas e ultra-modernistas”, publicados no jornal *A Tarde*, de janeiro a março de 1928, e depois reunidos em livro, intitulou um dos textos: “Gabriel Alomar, o criador do verdadeiro futurismo”, em evidente referência a Marinetti que, na sua visita à Bahia, deixou como herança a designação dos ônibus que começavam a chegar à cidade, por coincidência, quando os jornais repercutiam as suas idéias. Se o futurismo de Marinetti não encontrou adeptos entre os modernos escritores baianos, em contrapartida, os ônibus de frente alongada, novidade chegada quando da visita do italiano, receberam seu nome. Até os anos 70 não era comum os baianos viajarem de ônibus. A gente viajava mesmo era de *marinete*.

Segundo Hélio Simões, o grupo de *Arco & Flexa*, ao procurar Chiacchio, discutiu o objetivo

de conciliar a tradição com a inovação, o que, mesmo assim, não evitou que os seus participantes fossem vistos como loucos ou inconsequentes.

Assim, convém lembrar Gregório de Matos:

“Isto sois, minha Bahia,
Isto passa em vosso burgo.”

REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Eurico. *Poesia*. Seleção, organização e notas de Maria Eugênia Boaventura.
- ALVES, Ivã. *Arvo & Flexa. Contribuição para o estudo do modernismo*. Salvador, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1978.
- AMADO, Jorge. *Bahia de todos os santos. Guia de ruas e mistérios*. Rio de Janeiro, Record, 1977.
- AMADO, Jorge. *Navegação de cabotagem; apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverá*. Rio de Janeiro, Record, 1992.

- ARCO & FLEXA. Edição fac-similar. Revista literária, 1928/1929, Salvador, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1978. (nº 1, 66 p.; nº 2/3, 70 p.; nº 4/5, 90 p.)
- BANDEIRA, Manuel: *Meus poemas preferidos*. Rio de Janeiro, Ediouro, 2005, p. 85.
- CHIACCHIO, Carlos: Poesia Nova. *A Tarde*, Salvador, 10 jan. 1925. A nota não vinha assinada, mas como figurava na seção mantida nesse jornal pelo conceituado crítico, a autoria não oferece dúvida.
- CHIACCHIO, Carlos: O nosso primeiro livro modernista. *A Luvva*, 5 out. 1928, n. 82.
- CHIACCHIO, Carlos: Tradicionismo dinâmico. *Arco & Flexa. Mensário de cultura moderna*, n. 1, Salvador, nov. 1928.
- CHIACCHIO, Carlos: Modernistas e ultra-modernistas. [II] Gabriel Alomar, o criador do verdadeiro futurismo. *A Tarde*, Salvador, 14 fev. 1928.
- DÓREA, Juraci: Diálogo entre Eurico Alves e Manuel Bandeira. In *Léguas & meia. Revista de literatura e diversidade cultural*. Feira de Santana, UEFS, 2009.
- DÓREA, Juraci, *Eurico Alves, poeta baiano*. Feira de Santana: Casa do Sertão/ Lions Clube de Feira de Santana, 1978.
- DIMAS, Antonio: Um manifesto guloso. In *Léguas & meia. Revista de literatura e diversidade cultural*. Feira de Santana, UEFS, 2004.
- FERREIRA, Monalisa Valente: Os dedos de Eurico Alves vestem *A Luvva* (A revista, o modernismo baiano e o poeta dissonante). In BOAVENTURA, Eurico Alves: *Cipós verdes*. Feira de Santana, UEFS, 2009, p. 171-195.

- SARAIVA, Arnaldo. *O modernismo brasileiro e o modernismo português: subsídios para o seu estudo e para a história das suas relações*. 3 vols. Porto, s/ed., 1986.
- SEIXAS, Cid. Godofredo Filho: 50 anos de presença literária e do modernismo na Bahia. Salvador, *Tribuna da Bahia*, 23 mai. 1975, p. 11.
- SEIXAS, Cid: *Triste Bahia, ob! Quão dessemelhante. Notas sobre a literatura na Bahia*. Salvador, EGBA / Secretaria da Cultura e Turismo, 1996. (Coleção As Letras da Bahia)
- SEIXAS, Cid: Sosígenes Costa: Epopéia cabocla do modernismo na Bahia. In PÓLVORA, Hélio (org.): *A Sosígenes, com afeto*. Salvador, Edições Cidade da Bahia, 2001, p. 75-84.
- SIMÕES, Hélio. Duas cidades. *Quinto Império: Revista de cultura e literaturas de língua portuguesa*. Salvador, n° 2, primeiro semestre de 1989, contracapa 4.
- VILLALONGA, Gabriel Alomar. Futurismo. In OLEA, Héctor. *O futurismo catalão antes do futurismo*. São Paulo, Edusp / Giordano, 1993.



A cidade do Salvador no início do século XX, onde se vê a tradicional Rua da Preguiça, com seus sobrados centenários e seus barcos.

QUANDO A POESIA ERA UMA FESTA

O livro de Nonato Marques *A poesia era uma festa* é, antes de tudo, uma fonte de estudo indispensável para a compreensão do panorama literário baiano da primeira metade do século. O autor é um dos protagonistas do chamado “Grupo da Baixinha”, reunião informal de escritores que frequentavam o Café Progresso, no período aproximado de 1925 a 1929. A designação, difundida por Nonato Marques, deve-se ao local onde se situava o Café que serviu de palco para as discussões e projetos do grupo: a rua que liga a parte baixa do pelourinho à Baixa dos Sapateiros.

A primeira parte do livro, intitulada “Os poetas da Baixinha”, é sem dúvida a mais importante,

por ser constituída por um estudo-depoimento do autor. Ele e Bráulio de Abreu são os últimos sobreviventes desta aventura humana e artística. As lembranças e os dados oriundos de pesquisa reunidos por Nonato Marques servem de fonte das mais importantes para o conhecimento de um grupo de poetas praticamente ignorado pela inteligência baiana da época.

* * *

Carlos Chiacchio, o importante crítico do jornal *A Tarde*, e os jovens Godofredo Filho, Eugênio Gomes, Afrânio Coutinho, Hélio Simões, Carvalho Filho, Pinto de Aguiar e outros desfrutaram do prestígio devido aos intelectuais mais destacados da Velha Capital. Estes escritores mantinham-se distantes dos “poetas da Baixinha”, e como representam, sem dúvida, o núcleo central da inteligência baiana da década vinte, apenas os movimentos e acontecimentos que os envolveram passaram à história fragmentária da literatura na Bahia.

Eugênio Gomes, que surgiu nas letras como poeta modernista, tornou-se crítico e ensaísta de

repercussão nacional, especialmente pelos seus estudos de literatura comparada e de temas machadianos. Afrânio Coutinho é o responsável pelo fim da crítica jornalística no Brasil e pela prática da crítica acadêmica. Pinto de Aguiar foi o grande editor que a Bahia teve.

Para eles, portanto, o único movimento digno de nota foi *Arco & Flexa*, assim escrito o nome da revista e do grupo afinado com ela.

* * *

Nonato Marques atribui a indiferença dos escritores oriundos da elite baiana para com os poetas da Baixinha ao fato da reunião em torno das mesas do Café Progresso congregar pessoas de condição social menos privilegiada. O líder do grupo da Baixinha era Samuel de Brito Filho, o Guarda Civil 85, assim conhecido por ser policial. Ao contrário dos homens de *Arco & Flexa*, o Guarda 85 era um autodidata. Homem do povo que gostava de ler e conversar sobre literatura. As suas longas conversas, enquanto saboreava um café, representaram o início do grupo. Muitos jovens

passaram a fazer ponto no Café Progresso para trocar idéias, ler e ouvir poemas. E fazer planos.

Outra queixa dos integrantes desse grupo, assinalada por Nonato Marques no seu livro, é o fato de nenhum deles ter entrado para a Academia de Letras da Bahia. Segundo seu depoimento, “ingressar um dia na Academia era um sonho acalentado por alguns, porém, jamais atingido por qualquer dos nossos companheiros do núcleo formador da Baixinha. Não que faltasse valor a muitos [...]. Mas, é que a Academia, até hoje, não perdeu os seus pendores elitistas e os poetas da Baixinha eram modestos demais para aspirar à tão insigne convívio”, alfineta o autor com sincera humildade.

Mas a razão principal da distância mantida pelo grupo dos poetas Eurico Alves, Carvalho Filho e Hélio Simões era sem dúvida a formação intelectual de um e outro grupo. Bem verdade que isto não tem nada a ver com a questão do acesso à Academia, onde o prestígio social do postulante, seja ele escritor ou agente do governo, é de fato mais importante que o valor literário ou cultural. Enquanto os poetas da Baixinha, como reconhe-

ce o próprio Nonato Marques, faziam coro com a estética do fim do século XIX, os rapazes de *Arco & Flexa* pensavam estar renovando a literatura. Universitários brilhantes e inteligentes, associavam a sólida formação acadêmica ao desejo de aproximar a Bahia das idéias modernas que agitavam o sul do país.

O autor de *A poesia era uma festa* assinala as novidades dos anos vinte, desde a Semana de Arte Moderna, de São Paulo, até a ruidosa visita de Felippo Marinetti à nossa terra, onde o poeta futurista se tornou sinônimo de um meio de transporte trazido para a Bahia na mesma época, o *omnibus*, ou *buzu* da Bahia negra e mestiça, então conhecido como *marinete*.

“Na Baixinha o reboleço foi grande. Ninguém, todavia, se dispunha a seguir as pegadas do futurismo de imediato” – escreve Nonato Marques, e acrescenta ainda: “A nossa formação era toda ela orientada no sentido da prosa e da poesia tradicionais.”

* * *

Há muito o que se ler e discutir no livro de Nonato, embora haja algumas imprecisões facilmente notadas pelo leitor, naquilo que se refere a fatos literários que transpõem os limites da Baixinha. Já a antologia dos poetas do grupo parece importante tão somente enquanto documento, faltando a muitos o talento capaz de assegurar a permanência.

É por isso que as observações de Nonato Marques, especialmente as da primeira parte, constituem o material mais rico do volume. O seu esforço, para sistematizar e incluir os seus companheiros na história da literatura na Bahia, é digno da maior atenção. O seu livro nasce como obra de consulta obrigatória para os estudiosos.

Curioso observar como o grupo da Baixinha – que se desfez após algum tempo de convivência com Pinheiro Viegas, seu mais novo líder – se mantém distante do modernismo, mesmo com o entusiasmo dos fundadores da revista *Samba*, título bem afinado com o pensamento verde-amarelo. Se em *Samba* a Baixinha ainda não havia pongado na *marinete* moderna, é com os jornais humorísticos nascidos e redigidos nas mesas do

Café Progresso que o grupo mais se aproxima da iconoclastia demolidora de 22. O grupo da Baixinha publicou dois “semanários malucos pelos 200 réis”. Primeiro surgiu *O Periquito*, depois promovido a *Gavião*, classificados como “Órgão de ataques de riso”.

Nem mesmo o conceituado Carlos Chiacchio, estimado pelas palavras de incentivo dadas aos jovens escritores – e neste ponto, como em outros, diametralmente oposto ao mordaz Pinheiro Viegas – escapou à lira maldizente e epigramática destes bem humorados jornalecos:

*“Macarrão e azeite de dendê,
óculos, bigode, pança:
eis o Dr. C. C.
Ironia!
Com todos estes C. C.,
o crítico melhor
é o pior
Poet’ Astro da Bahia!”*

Outras figuras de destaque das nossas letras foram ridicularizadas com graça e cruel talento,

inclusive o poeta Arthur de Salles. Por causa de uma composição, intitulada “A música dos bilros”, o respeitado escritor simbolista foi debochadamente apelidado de Arthur dos Bilros, como vemos neste epigrama escrito a título de epitáfio ao autor de *Sangue mau* (1928):

*“Aqui jaz Arthur dos Bilros
Poeta de casca e pau...
Os vermes não o comeram
Por estar de Sangue Mau.”*

A poesia era uma festa, além das ricas informações, traz um outro mérito: mostrar, graças ao título bem achado (por entre as reminiscências de Ernst Hemingway, em *A Moveable Feast*), que, na década de vinte, ler era a forma maior de prazer social. A literatura desfrutava de grande prestígio, não apenas como forma de conhecimento, mas também como meio de diversão e descontração. Tudo isso porque, como bem nos ensina Nonato Marques, a poesia era uma festa.

REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Bráulio de. *Alma profana*. Salvador, Fundação João Fernandes da Cunha, 1996, 192 p.
- MARQUES, Nonato. *A poesia era uma festa; estudo e antologia*. Salvador, GraphCo, 1994, 138 p.
- MARQUES, Nonato. *Tempo de poesia*. Salvador, Travessia, 1990, 160 p.
- SEIXAS, Cid. Quando a poesia era uma festa. Coluna “Leitura Crítica” do jornal *A Tarde*, Salvador, 27 mar. 95, p. 7.
- SEIXAS, Cid. A poesia do decano. Coluna “Leitura Crítica” do jornal *A Tarde*, Salvador, 11 nov. 96, p. 7.



A tela registra o cotidiano da Rua Padre Antonio Vieira, na época em que a mesma terminava às portas da antiga Igreja da Sé, demolida para a modernização e a urbanização da Cidade do São Salvador da Bahia de Todos os Santos, em 1933.

A POESIA DO DECANO

Bráulio de Abreu, aos noventa e três anos de idade, é o decano dos poetas baianos. Como nos tempos de antanho se dizia que antiguidade é posto, o decanato da poesia é a láurea deste velho remanescente de um dos muitos movimentos e grupos literários que enriqueceram a inquieta Bahia no início do século.

Bráulio de Abreu e Nonato Marques são os dois últimos sobreviventes do grupo responsável pela publicação da revista *Samba*, surgida em 1928. Declaradamente modernista, mas essencialmente conservadora, com traços parnasianos, a revista trazia no seu primeiro número um editorial de Alves Ribeiro fazendo apologia do modernismo.

Como, mesmo assim, o espírito moderno não baixasse nos colaboradores de *Samba*, o terceiro número, datado de fevereiro de 1929, trazia a proibição de receber poemas em forma de soneto. (!)

Como uma escola literária não se caracteriza apenas através das fôrmas, mas, principalmente, a partir da substância das suas idéias, apesar do título da revista estar em consonância com os vários modernismos regionais surgidos nos fins da década de vinte, o grupo idealizador de *Samba* continuou embebido nas convicções parnasianas e ornamentais da literatura palavrosa então em voga.

É sintomático o fato de um dos seus destacados integrantes, Nonato Marques, ter abandonado a designação natural que identificava o grupo com a revista, para sugerir a expressão “os poetas da Baixinha”. Assim, aquele que se tornou o responsável pela divulgação e pela fixação histórica da contribuição dos seus companheiros, preferiu uma designação menos comprometida com a inquietação modernista da época.

Era em torno das mesas do “Café Progresso”, na Baixa dos Sapateiros, que se reunia o grupo formado por Elpídio Bastos, Deocleciano Martins,

Nonato Marques, Oto Bittencourt Sobrinho, Souza Aguiar, Bráulio de Abreu, Alves Ribeiro, Clodoaldo Milton, Antonio Donatti, Pereira Reis Jr., Egberto Ribeiro, Anfilófilo Brito, Queiroz Júnior, Zaluar de Carvalho, Raimundo Penafort, Ângelo Gomes da Costa, Aníbal Rocha e Samuel de Brito Silva (o Guarda 85). Quando o poeta satírico Pinheiro Viegas passou a integrar a confraria, a convite de Nonato Marques, o centro constelar do grupo deslocou-se da figura do Guarda 85 para o irreverente Viegas. Segundo Cid Mascarenhas, em palestra proferida no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, Pinheiro Viegas “com seus epigramas venenosos e comentários chistosos, verdadeiras verrinas, foi afastando os componentes da então coesa turma”.

Na mesma época, um outro grupo formava a chamada elite intelectual da cidade. Os jovens Pinto de Aguiar, Hélio Simões, Carvalho Filho e Eurico Alves, com o apoio do crítico Carlos Chiacchio, fundaram a revista *Arco & Flexa*. Por vinculações sociais e intelectuais, os integrantes deste pequeno núcleo mantinham laços de amizade com Godofredo Filho, Afrânio Coutinho, Eugênio

Gomes, Jorge Amado e outros jovens baianos de então.

Os “poetas da Baixinha” continuaram à margem destes bem sucedidos jovens. Como constata Nonato Marques, nenhum deles entrou para a Academia, instituição que funciona como uma espécie de termômetro da elite intelectual.

Bráulio de Abreu só foi notado ocasionalmente. Primeiro, por Arthur de Salles, que, segundo o já citado Cid Mascarenhas, teria lhe dito, após ouvir a declamação de alguns poemas: “A sua obra está à altura da minha”.

Mas foi somente em 1980, quando Antonio Loureiro de Souza, no seu discurso de recepção ao acadêmico Clóvis Lima, leu um soneto de Bráulio de Abreu, que o mundo acadêmico tomou conhecimento da poesia deste velho alfaiate. Renato Berbert de Castro convidou-o para uma das célebres tertúlias da sua casa. Lá, Bráulio leu sonetos para o anfitrião e seus convidados Hélio Simões, Jorge Calmon, Jayme de Sá Menezes, José Silveira, Erthos Albino de Souza, Thales de Azevedo, Carlos Eduardo da Rocha, Luis Henrique Dias Tavares, José Calasans e Loureiro de Souza.

Com a aprovação dos presentes, Berbert de Castro encarregou o professor Loureiro de reunir os poemas de Bráulio de Abreu num livro a ser publicado pelo Conselho Estadual de Cultura. Antonio Loureiro não só organizou o livro como escreveu uma longa introdução. Dezesesseis anos depois o trabalho continuava inédito, tendo agora a Fundação João Fernandes da Cunha propiciado a sua publicação.

Alma profana é portanto o livro de estréia deste veterano da poesia baiana, que somente aos 93 anos de idade chega ao público. Bem verdade que ele não é inédito. Aparece em jornais e revistas, em estudos literários e principalmente em antologias como *Apóstolos do sonho*, onde doze sonetistas como Clóvis Lima, Ivan Americano, João Muniz, Carlos Benjamin Viveiros e Nathan Coutinho comparecem com doze peças cada um; *Coletânea de poetas baianos*, organizada por Aluísio de Carvalho Filho; *Os mais belos sonetos brasileiros* etc.

Neste livro, *Alma profana*, de Bráulio de Abreu está reunida uma parte substancial da sua produção, onde o soneto de inspiração parnasiana deixa, às vezes, escorrer da fôrma o “sentimento do

mundo” manifestado pelo decano dos poetas baianos. É precisamente nos instantes em que a versificação é sobrepujada por um halo de vida que a poesia se deixa plasmar em raios de luz.

REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Bráulio de. *Alma profana*. Salvador, Fundação João Fernandes da Cunha, 1996, 192 p.
- MARQUES, Nonato. *A poesia era uma festa; estudo e antologia*. Salvador, GraphCo, 1994, 138 p.
- MARQUES, Nonato. *Tempo de poesia*. Salvador, Travessia, 1990, 160 p.
- MASCARENHAS, Cid. *Conferência*. Salvador, Instituto Geográfico e Histórico, 1975
- SEIXAS, Cid. Quando a poesia era uma festa. Coluna “Leitura Crítica” do jornal *A Tarde*, Salvador, 27 mar. 95, p. 7.
- SEIXAS, Cid. A poesia do decano. Coluna “Leitura Crítica” do jornal *A Tarde*, Salvador, 11 nov. 96, p. 7.

LIVROS DO AUTOR

POESIA

Temporário; poesia. Salvador, Cimape, 1971 (Coleção Autores Baianos, 3).

Paralelo entre homem e rio: Fluviário; poesia. Salvador, Imprensa Oficial da Bahia, 1972.

O signo selvagem; metapoema. Salvador, Margem / Departamento de Assuntos Culturais da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1978.

Fonte das pedras; poesia. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1979.

Fragments do diário de naufrágio; poesia. Salvador, Oficina do Livro, 1992.

O espelho infiel; poesia. Rio de Janeiro, Diadorim, 1996.

ENSAIO E CRÍTICA

O espelho de Narciso. Livro I: Linguagem, cultura e ideologia no idealismo e no marxismo; ensaio. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1981.

- A poética pessoana: uma prática sem teoria*; ensaio. Salvador, CEDAP; Centro de Editoração e Apoio à Pesquisa, 1992.
- Godofredo Filho, irmão poesia*; ensaio. Salvador, Oficina do Livro, 1992. (Tiragem fora do comércio.)
- Poetas, meninos e malucos*; ensaio. Salvador, Universidade Federal da Bahia, 1993. (Cadernos Literatura, 1.)
- Jorge Amado: Da guerra dos santos à demolição do eurocentrismo*; ensaio crítico. Salvador, CEDAP, 1993.
- Literatura e intertextualidade*; ensaio. Salvador, CEDAP, 1994.
- Herberto Sales. Ensaaios sobre o escritor*. Salvador, Oficina do Livro, 1995.
- O viajante de papel*. Perspectiva crítica da literatura portuguesa. Salvador, Oficina do Livro, 1996.
- Triste Bahia, oh! quão dessemelhante*. Notas sobre a literatura na Bahia. Salvador, Egba; Secretaria da Cultura, 1996.
- O lugar da linguagem na teoria freudiana*; ensaio. Salvador, Fundação Casa de Jorge Amado, 1997. (Col. Casa de Palavras)
- O silêncio do Orfeu Rebelde e outros escritos sobre Miguel Torga*; ensaios. Salvador, Oficina do Livro, 1999.
- O trovadorismo galaico-português*; ensaio crítico e antologia. Feira de Santana, UEFS, 2000.
- Três temas dos anos trinta*; textos de crítica literária. Feira de Santana, UEFS, 2003. (Cadernos de sala de aula, 1)
- Os riscos da cabra-cega. Recortes de crítica ligeira*. Org., intr. e notas Rubens Alves Pereira e Elvya Ribeiro Pereira. Feira de Santana, UEFS, 2003. (Col. Literatura e diversidade Cultural, 10)
- Desatino romântico e consciência crítica. Uma leitura de Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco. 2ª ed. Salvador, Rio do Engenho, 2016.

NO EXTERIOR

The savage sign / O signo selvagem; poesia; trad. Hugh Fox. Lansing, Ghost Dance, 1983. (Edição bilingue norte-americana.)

E-BOOKS

Desatino romântico e consciência crítica. Uma leitura de *Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2014. Disponibilizado em <<https://issuu.com/e-book.br/docs/camilo>>

O silêncio do Orfeu Rebelde e outros escritos sobre Miguel Torga, 2 ed. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2015. Disponibilizado em <<https://issuu.com/e-book.br/docs/torga>>

Literatura e intertextualidade. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2015. Disponibilizado em <<https://issuu.com/e-book.br/docs/intertextualidade>>

Noventa anos do modernismo na Feira de Santana de Godofredo Filho. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2015. Disponibilizado em <<https://issuu.com/e-book.br/docs/godofredofilho>>

Os riscos da cabra-cega. Recortes de crítica ligeira. 2 ed., Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2015. Disponibilizado em <<https://issuu.com/cidseixas1/docs/cabra-cega>>

Da invenção à literatura. Textos de filosofia da linguagem. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2015. Disponibilizado em <<https://issuu.com/e-book.br/docs/invencao>>

- Orpheu em Pessoa*. Org. Cid Seixas e Adriano Eysen. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2015. Disponibilizado em <<https://issuu.com/e-book.br/docs/orpheu>>
- Do inconsciente à linguagem. Uma teoria da linguagem na descoberta de Freud*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/inconsciente>
- A Literatura na Bahia*. Livro 1: *Tradição e Modernidade*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <<https://issuu.com/e-book.br/docs/tradicaomodernidade>>
- 1928: Modernismo e Maturidade*. Livro 2 de *A Literatura na Bahia*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <<https://issuu.com/e-book.br/docs/1928>>
- Três Temas dos Anos 30*. Livro 3 de *A Literatura na Bahia*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <<https://issuu.com/e-book.br/docs/anos30>>
- Final do século XX*. Livro 4 de *A Literatura na Bahia*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <<https://issuu.com/e-book.br/docs/seculo20>>
- A essência ideológica da linguagem*. Livro I de: *Linguagem, cultura e ideologia*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <<https://issuu.com/e-book.br/docs/linguagem1>>
- Linguagem e conhecimento*. Livro II de: *Linguagem, cultura e ideologia*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <<https://issuu.com/e-book.br/docs/linguagem2>>

- Sob o signo do estruturalismo*. Livro III de: *Linguagem, cultura e ideologia*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <<https://issuu.com/e-book.br/docs/linguagem3>>
- O contrato social da linguagem*. Livro IV de: *Linguagem, cultura e ideologia*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <<https://issuu.com/e-book.br/docs/linguagem4>>
- A Linguagem: do idealismo ao marxismo*. Livro V de: *Linguagem, cultura e ideologia*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <<https://issuu.com/e-book.br/docs/linguagem5>>
- Stravinsky: uma poética dos sentidos. Ou a música como linguagem das emoções*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <<https://issuu.com/e-book.br/docs/stravinsky>>
- Castro Alves e o reino de eros*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <<https://issuu.com/e-book.br/docs/eros>>
- Espaço de convenção e espaço de transgressão*. Livro I de *O real em Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <<https://issuu.com/e-book.br/docs/1.espaco>>
- A construção do real como papel da cultura*. Livro II de *O real em Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <<https://issuu.com/e-book.br/docs/2.construcao>>
- A poesia como metáfora do conhecimento*. Livro III de *O real em Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Dispo-

- nibilizado em <<https://issuu.com/e-book.br/docs/3.poesia>>
- O *signo poético, ficção e realidade*. Livro IV de *Conhecer Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <<https://issuu.com/e-book.br/docs/4.signo>>
- Do sentido linear à constelação de sentidos*. Livro V de *Conhecer Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <<https://issuu.com/e-book.br/docs/5.sentido>>
- O *Eco da interdição ou O signo arisco*. Livro VI de *Conhecer Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <<https://issuu.com/e-book.br/docs/6.eco>>
- A poética pessoana: uma prática sem teoria*. Livro VII de *Conhecer Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <<https://issuu.com/e-book.br/docs/7.poetica>>
- O *desatino e a lucidez da criação em Pessoa*. Livro VIII de *Conhecer Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <<https://issuu.com/e-book.br/docs/8.desatino>>
- Uma utopia em Pessoa: Caeiro e o lugar de fora da cultura*. Livro IX de *Conhecer Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <<https://issuu.com/e-book.br/docs/9.caeiro>>
- Jorge Amado: Da guerra dos santos à demolição do eurocentrismo*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <<https://issuu.com/e-book.br/docs/amado>>



Cid Seixas é jornalista e escritor. Antes de se tornar professor universitário, atuou na imprensa como repórter, *copy desk* e editor, trabalhando em rádio, jornal e televisão. Fundou e dirigiu um dos mais qualificados suplementos literários, o *Jornal de Cultura*, publicado na Bahia pelos Diários de Notícias. É graduado pela UCSAL, mestre pela UFBA e doutor pela USP.

Na área de editoração, dedica-se a planejamento e projeto de livros e outras publicações. Além de ter colaborado com jornais e revistas especializadas – entre os quais *O Estado de S. Paulo* e a *Colóquio Letras*, de Lisboa –, assinou, durante cinco anos, a conceituada coluna “Leitura Crítica”, no jornal *A Tarde*.

Professor Titular aposentado da Universidade Federal da Bahia e Professor Adjunto da Universidade Estadual de Feira de Santana, onde atuou nos projetos de criação do Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural, bem como da UEFS Editora.

A LITERATURA NA BAHIA

IMPASSES E CONFRONTOS DE UMA VERTENTE REGIONAL

Livro 1: Tradição e modernidade

Com o subtítulo *Impasses e confrontos de uma vertente regional*, a série de e-books *A Literatura na Bahia* leva gratuitamente ao público da rede mundial de computadores importantes informações sobre a vida cultural baiana.

Seu autor é o jornalista e escritor Cid Seixas, que alia o texto leve e o sabor do jornalismo diário ao que o crítico Mário da Silva Brito chamou de “uma informação, ou mesmo erudição, em tudo e por tudo admiráveis.”

Neste volume inicial o foco converge para as primeiras manifestações da arte moderna na Bahia.

e-book.br

EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL